



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

BRUNA PROVENSÍ BONAMIGO

BIOPOLÍTICA E O EMPRESÁRIO DE SI MESMO

**CHAPECÓ
2022**

BRUNA PROVENSÍ BONAMIGO

BIOPOLÍTICA E O EMPRESÁRIO DE SI MESMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado.

Orientador: Prof. Dr. Odair Neitzel

**CHAPECÓ
2022**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Bonamigo, Bruna Provensi
BIOPOLÍTICA E O EMPRESÁRIO DE SI MESMO / Bruna
Provensi Bonamigo. -- 2022.
32 f.

Orientador: Drº Odair Neitzel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2022.

1. Biopolítica. 2. Neoliberalismo. 3. Dispositivo. 4.
Foucault. I. Neitzel, Odair, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

BRUNA PROVENSÍ BONAMIGO

BIOPOLÍTICA E O EMPRESÁRIO DE SI MESMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado

Orientador: Prof. Dr. Odair Neitzel

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 24 / 08 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Orientador

Prof. Dr. Elsio Jose Cora (UFFS)
Avaliador

Prof. Dr. Paulo Hahn (UFFS)
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFFS campus Chapecó pela experiência de cursar uma graduação gratuita e de qualidade.

A todos os professores da graduação de Filosofia que fizeram parte dessa trajetória, em especial ao Odair Neitzel, orientador dessa pesquisa, meu sincero agradecimento por toda paciência e dedicação.

À minha família e meus amigos que sempre estiveram presentes, não só nos bons momentos, mas também nos ruins e me apoiaram nesse tempo de curso, e principalmente meu pai que sempre foi minha fonte de inspiração para a carreira docente.

Aos meus professores do ensino médio de Ciências Humanas que me possibilitaram a reflexão crítica na adolescência e que me incentivaram a cursar Filosofia e seguir seus passos.

RESUMO

Este trabalho se refere a uma análise do conceito de biopolítica e dispositivos de poder na esfera neoliberal e a formação do empresário de si mesmo. Buscou-se analisar as diferentes formas de intervenção através do biopoder sobre os sujeitos, bem como a influência dos dispositivos de poder que influenciam no processo de constituição dos sujeitos passivos, apresentados propriamente na obra *Nascimento da Biopolítica* de Michel Foucault. Adensando a discussão, lançou-se mão das reflexões presentes em autores pertinentes ao assunto que refletem sobre o tema, como Giorgio Agamben, Dardot e Laval. Pretendeu-se realizar uma análise histórica, social e filosófica sobre o percurso de formação do neoliberalismo, a arte de governar e a cultura enraizada da sociedade do desempenho que traz um caráter empresarial voltado para a produtividade dos indivíduos, e como a biopolítica atua nesses processos.

Palavras-chave: Biopolítica. Neoliberalismo. Dispositivo. Foucault.

ABSTRACT

This work refers to an analysis of the concept of biopolitics and power devices in the neoliberal sphere and the formation of the entrepreneur of self. We sought to analyze the different forms of intervention through biopower on subjects, as well as the influence of power devices that influence the process of constitution of passive subjects, presented in the work *Birth of Biopolitics* by Michel Foucault. To deepen the discussion, we used the reflections of authors who reflect on the theme relevant to the subject, such as Giorgio Agamben, Dardot, and Laval. The aim was to perform a historical, social, and philosophical analysis of the formation of neoliberalism, the art of governing, and the deep-rooted culture of the performance society, which brings a business character focused on the productivity of individuals, and how biopolitics acts in these processes.

Keywords: Biopolitics. Neoliberalism. Device. Foucault.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. BIOPODER E BIOPOLÍTICA	10
2. BIOPOLÍTICA O EMPRESÁRIO DE SI MESMO	19
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se ocupa com o tema da formação do empresário de si analisando os conceitos de biopolítica apresentados em Michel Foucault, além das relações com os dispositivos que influenciam o *homo oeconomicus*.

A presente reflexão surge com esse intuito de buscar analisar como essas relações de biopoder e biopolítica, enquanto dispositivos biopolíticos, influenciam no processo de subjetivação, tornando os sujeitos instrumentos de um poder de governamentalidade. Nuclearmente, na emergência deste tema, está o incômodo causado ao refletir sobre as possíveis formas de manipulação que se efetivam no governo dos indivíduos, sem despertar neles qualquer senso crítico ou percepção diante da auto-exploração impostas pelos mecanismos biopolíticos.

Pretende-se, além disso, pensar a relação da biopolítica com os processos de subjetivação e constituição dos sujeitos, que resulta naquilo que Foucault apresenta sob a cultura de ser empresário de si mesmo, que emerge principalmente do desenvolvimento da perspectiva neoliberal de governo. Quer-se mostrar, ademais, como essa concepção está relacionada com o conceito de *homo sacer*, trazido por Agamben a partir dessa cultura de adstração dos corpos e manipulação através dos dispositivos biopolíticos.

Também será analisado nesta pesquisa como ocorre a instrumentalização do sujeito para que o mesmo exerça funções de acordo com os interesses exercidos por elementos que influenciam diretamente sua construção através dos dispositivos. Destaque para a ênfase dada pela cultura de si à auto-responsabilização do sujeito como competente/incompetente por si mesmo, seu mérito, de acordo com sua qualificação.

A pesquisa, de caráter bibliográfico e hermenêutico, se ocupou com a leitura e fichamento de obras como: *O nascimento da biopolítica*, de Michel Foucault, que traz uma análise histórica, filosófica e social sobre o liberalismo, principalmente na Alemanha e nos Estados Unidos, para compreender a nova arte de governar e a formação do *homo oeconomicus*. Considerou-se também relevante a breve leitura do *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, de Giorgio Agamben, que traz uma visão sobre biopoder e biopolítica, além de artigos científicos de comentadores que são relevantes para o tema pesquisado, entre eles: Sylvio Gadelha, Sílvio Gallo, Rafael

Nogueira Furtado e Juliana Aparecida de Oliveira Camilo. Esses últimos, tomados como comentadores, apresentam pesquisas pertinentes acerca dos temas da biopolítica e biopoder em Foucault. Ademais, é pertinente a obra de Dardot e Laval, intitulada *A nova razão do mundo*, que apresenta um relevante conjunto de reflexões sobre a cultura articulada pelo neoliberalismo e do sujeito empresário de si mesmo.

1. BIOPODER E BIOPOLÍTICA

Ao longo da história, o ser humano buscou organizar-se de várias maneiras socialmente, para conviver com seus semelhantes, configurando assim um meio de coexistência social. Muito se teorizou sobre como o homem não conseguiria viver sem um poder soberano, que regulasse e assegurasse as regras que manteriam em pé uma sociedade. Pois, muitas vezes, levado por seus instintos e desejos irascíveis, age com imprudência e com certo egoísmo com relação aos outros. Essas teorias visualizavam no poder absoluto a regulação da ordem e das ações dos indivíduos através normas que fatidicamente impusessem uma determinada ordem aos súditos.

Nesse sentido, o conceito de poder, quando se trata de governabilidade, é algo que não provém somente dos outros, mas sim de um conjunto de forças móveis que se reconstituem e se transfiguram, produzindo assim comportamentos no meio social, ou seja, é algo que é exercido. Neste caso, pretende-se analisar essa relação poder-Estado-indivíduo que é apresentada na obra *O Nascimento da Biopolítica* (2008); conforme explicita Castro:

A pergunta de Foucault não é o que é o poder, mas como ele funciona. Desde as extremidades, desde um ponto de vista positivo e reticular sobre o poder, haverá que se perguntar: a) que sistemas de diferenciação permitem que uns atuem sobre outros (diferenças jurídicas, tradicionais, econômicas, competências cognitivas, etc.); b) que objetivos se perseguem (manter um privilégio, acumular riquezas, exercer uma profissão); c) que modalidades instrumentais se utilizam (as palavras, o dinheiro, a vigilância, os registros); d) que formas de institucionalização estão implicadas (os costumes, as estruturas jurídicas, os regulamentos, as hierarquias, a burocracia); e) que tipo de racionalidade está em jogo (tecnológica, econômica) (D84, 239-240). Cada uma dessas instâncias quer descrever e analisar “modos de ação que não atuam direta e imediatamente sobre os outros, mas sobre suas ações” (D84, 236). O poder consiste, em termos gerais, em conduzir condutas e dispor de sua probabilidade, induzindo-as, afastando-as, facilitando-as, dificultando-as, limitando-as, impedindo-as. (CASTRO, 2004, p. 326)

É esse modelo de poder que é rastreado por Michel Foucault sob o conceito de biopoder e biopolítica. Trata-se de uma forma de governar a população através de dispositivos de poder. Em outros termos, trata-se de uma normatização da sociedade, buscando-se estabelecer mecanismos de governabilidade. Por exemplo, por meio de políticas, estabelecer padrões de normalidade e, através de tais práticas, estabelecer a operacionalidade de um meio social.

Em Giorgio Agamben, na obra *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, ao analisar os efeitos sociais e históricos dos campos de concentração em Auschwitz, o conceito de biopoder está interligado com o de vida nua e a figura do *homo sacer*. Para o autor, essa vida nua é um intermédio entre uma vida animal e o homem, ou seja, uma certa redução daquilo que o ser humano é. O *homo sacer* é trazido pelo autor como um indivíduo que está nesse limiar entre a vida e a morte, o sagrado e o profano, como alguém que já está morto perante aos valores impostos e que matar alguém que já está morto não traria impunidade. Vem de um sentido mais religioso, em que se trata de uma vida que não possui mais nem função de oferenda aos deuses (AGAMBEN, 2007).

O *homo sacer* é aquele indivíduo que dificilmente conseguirá significar sua existência no processo de subjetivação, ficando a mercê do estado de exceção, sendo assim facilmente governado. O estado de exceção trazido por Agamben se trata de quando se tem o poder de governar “por fora” da lei sob aqueles sujeitos que se encontram fora dos padrões de normalidade, abrindo assim um caminho para que o poder soberano aja sobre ele por estar exposto e indefeso a qualquer ação que o regule, podendo ser excluído do restante da sociedade e julgado pelo seu estado de não poder mais poder (AGAMBEN, 2007).

O Estado, perante esses casos, pode se tomar no direito de intervir sobre essas vidas, meio animais e meio homens, optando pela aniquilação dos corpos. Se o indivíduo não se encontra nos padrões de normalidade e não está dentro dos dispositivos do meio social, o mesmo pode estar sendo visto com um valor de vida abaixo dos demais indivíduos, algo que traz a recordação histórica dos campos de concentração.

Para Agamben, o conceito de biopolítica, nesse caso, não sobrepõe o biopoder, ou seja, é um fator que sempre esteve presente nas relações. A partir da biopolítica se analisa a sociedade e assim podemos compreender melhor como os dispositivos atuam na vida dos indivíduos. (AGAMBEN, 2007)

No biopoder, a figura central das relações de governo e indivíduos não está mais voltada ao soberano, mas sim no corpo como máquina de adestramento, que é voltado para as operações do funcionamento social, sempre articulado aos dispositivos que levam a essa transformação (AGAMBEN, 2007).

Em Foucault, o biopoder opera como um conjunto de mecanismos sobre o ser humano através de estratégias de poder e política. O poder e a biopolítica a que Foucault se atém, é sobre como o mesmo opera, não somente no sentido governamental, mas pelas instituições, relações, a formas de saber e aos diversos instrumentos de subjetivação.

A biopolítica pode ser compreendida de outra maneira quando Foucault apresenta as relações dos indivíduos com um Estado que propõe uma liberdade maior aos sujeitos, sendo que anteriormente o poder era centralizado em um soberano. É interessante notar como o filósofo percebe a mudança na relação do Estado com o sujeito a partir da emergência do liberalismo convertendo o poder morte, como princípio de governo, do poder de matar ou deixar viver, em poder de produzir a vida e de se deixar morrer. Ou seja, um governo se verte em poder de regular a vida e, com a reorganização política, volta-se à liberdade dos sujeitos: “assim, o princípio liberal de limitação das práticas estatais de governo não implicará em um menor controle sobre a sociedade, mas na elaboração de novas formas de sujeição” (CAMILO; FURTADO, 2016, p. 40). Assim, a biopolítica torna-se o modo de gestão de uma sociedade que se ocupa com a construção da subjetivação, da influência e do governo através dos dispositivos nas relações.

São essas reorganizações de poder, na Alemanha e nos EUA, com que se ocupa Michel Foucault em *O Nascimento da Biopolítica* (2008), entre outras obras. Segundo o filósofo, é no fim do século XVII e início do século XVIII que ocorre uma transformação na governabilidade. Foucault denomina essa de razão de Estado, atrelada à forma de governo que atua e se articula com os objetivos limitados e ilimitados que definem uma organização interna.

No século XVIII há uma regulação interna dessa racionalidade governamental em que o governo não poderia atropelar os limites e a liberdade fundamental. Há duas questões fundamentais da razão governamental pela economia política: a possibilidade de limitação e se o governo está de acordo com as leis morais, divinas, naturais, etc. Ou seja, esse limite deve estar atrelado àquilo que faz parte da arte de governar. É a partir desse movimento que a biopolítica irá tomar forma, quando há uma compreensão do regime geral que questiona os princípios do liberalismo. (FOUCAULT, 2008).

Na biopolítica, compreende-se essa relação dos indivíduos com o Estado tomando a população como principal objetivo de atuação. O poder que antes era centralizado em um soberano agora passa a ser analisado frente às suas ações com os indivíduos. É possível perceber que aos poucos os conceitos de liberdade dos sujeitos e a construção de uma subjetivação vão aparecendo nesses processos e se relacionando com a biopolítica e o biopoder e, aos poucos, com a ascensão do capitalismo, tomando posse de um novo estilo de reorganização política.

Essa nova arte de governar vem com o intuito de limitar o exercício do governo. Parte-se, assim, dos direitos naturais do ser humano para uma limitação da governabilidade. Há duas vias nessa nova forma: “(...) a revolucionária, articulada essencialmente sobre as posições tradicionais do direito público; e a via radical, articulada essencialmente sobre a nova economia da razão de governar (...)” (FOUCAULT, 2008, p. 56).

A lei nessas duas vias pode ser concebida através da vontade coletiva manifestada pelos indivíduos ou como intervenção de poder. A forma que ela será concebida é que irá influenciar na liberdade dos indivíduos. O problema da utilidade coletiva, individual ou governamental é como são estabelecidos critérios para a elaboração dos direitos públicos, pois as relações de mercado podem fortemente influenciar nas questões de utilidade articulando novamente para um governo que manipula (FOUCAULT, 2008).

O liberalismo nesse sentido não traria liberdade, mas sim a consumiria:

Liberdade do mercado, liberdade do vendedor e do comprador, livre exercício de direito de propriedade, liberdade de discussão, eventualmente liberdade de expressão, etc. A nova razão governamental necessita, portanto de liberdade, a nova arte governamental consome liberdade, ou seja, é obrigado a produzi-la. (FOUCAULT, 2008, p. 86)

Percebe-se, nesse sentido, que novos dispositivos são criados para produzir liberdade, mas que no fim oferecem o oposto. Um Estado que viola os direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos não pode ser considerado representativo para os mesmos (FOUCAULT, 2008).

O neoliberalismo teve grande influência nos acontecimentos da Alemanha, propriamente com a crise de 1929 e o pós-nazismo. Antes de adentrar sobre o

neoliberalismo, se propõe importante a reflexão sobre o funcionamento do nazismo, que Foucault coloca de três formas:

- 1) Pertencia a uma invariante econômica indiferente, mas oposto à organização social dos Estados e ao socialismo;
- 2) Acreditavam em poder estabelecer variantes que estavam ligadas aos enriquecimentos e ao poder;
- 3) Esse crescimento tinha por efeito uma vasta destruição da comunidade social como um protecionismo do Estado.

Um novo formato de governo estava sendo proposto com o intuito de uma reconstrução pós-guerra. Um sistema que teria como a adesão de uma legitimação jurídica consensual que visava pelo crescimento econômico e ao mesmo tempo um bem-estar proposto pela liberdade dos indivíduos. Funcionaria como uma nova organização interna governamental e liberal para a economia e para a sociedade. A arte liberal de governar se intimida e entra em uma *tecnicização* da gestão estatal, que necessita de um princípio de limitação, de organização. São intervenções racionalizadas que acarretam em um crescimento do Estado que leva à implantação de uma administração que se opera com os tipos de racionalidade técnica (FOUCAULT, 2008).

No século XVIII tentava-se alcançar um modelo que fosse mais Estado com menos governo, a fim de também ter mais liberdade de mercado interno e enriquecimento. Para isso, seria necessário a reelaboração de alguns elementos fundamentais sobre a arte de governar. Ou seja, uma nova racionalidade econômica que buscava por estratégias liberais, fundando assim uma legitimidade de Estado (FOUCAULT, 2008).

Isso ocasionou mudanças com a oscilação da economia política, como um modo do governo assegurar a prosperidade da nação pela análise da produção e circulação das riquezas. O problema da utilidade é que irá ser o ponto principal da definição dos critérios para a elaboração dos limites públicos e administrativos (FOUCAULT, 2008).

As relações de mercado/troca influenciam nesse critério da utilidade, que leva tudo a ser movido por questões de interesse. A diferença entre o modo anterior da arte de governar e o da esfera neoliberal, é que este não age diretamente sobre os

indivíduos, mas com o direito fundamentado nos interesses econômicos e políticos (FOUCAULT, 2008).

Foucault analisa os processos econômicos da Alemanha e Estados Unidos, e percebe-se em suas análises acerca das relações de poder presentes que um novo capitalismo surge e faz com que as instituições sejam o principal regulador geral e, em consequência, um regulador social. Além do ordoliberalismo, também se faz interessante nessa reflexão o neoliberalismo americano através da política *New Deal*.

O ordoliberalismo busca uma legitimidade de Estado e uma reformulação na arte de governar após o período de guerra, buscando por uma liberdade econômica através da minimização das funções estatais. Essa nova arte de governar irá incitar as relações de mercado que irá definir o principal cerne ligado à concorrência, dando um caráter empresarial visando a maximização de lucros através da eficiência. Isso irá afetar não somente o ambiente trabalhista, mas todas as relações.

Já o neoliberalismo americano é marcado pela política *New Deal*, que busca também pela diminuição das ações governamentais, mas que visa por programas econômicos e sociais. Em contrapartida, tem-se a teoria do capital humano, que coloca o indivíduo como “moeda de troca” das relações trabalhistas, ou seja, o trabalhador como fator fundamental na produção de lucros, o que também irá incitar pela inovação, desempenho e produtividade: “o sujeito que trabalha torna-se, portanto, capital humano, estando suas capacidades físicas e psicológicas envolvidas diretamente no processo produtivo” (CAMILO; FURTADO, 2016, p.40).

A teoria do capital humano irá dar origem ao conceito do empresário de si mesmo, em que o trabalhador dá em troca a sua força de trabalho, recebe seu salário e novamente faz parte dos processos econômicos através do consumo. Esse jogo econômico é caracterizado por uma ideia de autogoverno, ou seja, o sujeito faz parte dessa cadeia de processos e é induzido a pensar que o mesmo é dono das suas próprias ações, governando assim a própria vida e investindo em si próprio.

Esse neoliberalismo defende a ideia que o essencial do mercado se encontra na concorrência mediante a formação de preços. A concorrência é um princípio de formalização que possui uma lógica própria, definindo assim o mercado pela troca livre, ou seja, uma liberdade que necessitava, no máximo, que o Estado

supervisionasse o funcionamento, mas sem intervir em seu interior, tendo assim uma propriedade individual (FOUCAULT, 2008).

O mercado em si não anula as proposições governamentais, mas indica o indexador ao qual se colocará a regra que irão definir suas ações. Porém, nesse ponto questiona-se quais as funções e delimitações atribuídas a essa nova arte de governar (FOUCAULT, 2008). Quanto a isso, buscava-se alcançar um Estado com menos governo a fim de ter mais liberdade no mercado interior e enriquecimento, e isso necessitava de algumas mudanças na racionalidade econômica, como definir objetivos, adversários e redistribuir as técnicas. Uma nova forma de governar neoliberal que tomava conta da esfera estatal, social e mercantil, que buscava o fundamental na concorrência mediante a formação de preços (FOUCAULT, 2008).

Além disso, o governo deve possuir algumas ações reguladoras nos processos econômicos, como uma tendência à redução dos custos para o aumento dos lucros. Essa ação reguladora terá como objetivo a estabilidade dos preços, mas não se preocupa propriamente com questões voltadas aos indivíduos, como o desemprego. O mercado se torna um regulador econômico e social, o que torna a preocupação central da intervenção governamental a condição de existência desse mercado (FOUCAULT, 2008).

O que seria um governo neoliberal e o que o diferencia de um liberal? Soa como uma nova proposta de teorias econômicas que vem enraizando as antigas com a formação de relações mercantis. Uma ação reguladora que terá como objetivo principal a estabilidade dos preços. E o indivíduo desempregado? Infelizmente não faz parte desse cálculo. Há uma política que visa o “bem estar social” como contrapartida, como uma individualização da política social, mas que percebe-se mais à frente, que não possui efeitos a longo prazo e não resulta naquilo que diz respeito propriamente ao sujeito nessa esfera mercantil que visa o lucro e a regulação do mercado. A verdadeira política social diz respeito ao crescimento econômico.

Porém, nessa “nova” forma de governar em que se opera o poder de maneira liberal como uma forma de sair da crise, a relação entre governo e indivíduo não traz benefícios como em teoria. O que importa nesse caso é manter um patamar econômico, não importando as condições do sujeito. A regra do “jogo” desse processo opera como um imposto negativo: o empregado é assegurado caso esteja em condições de auxiliar a manter a economia com sua força de trabalho, mas não há

segurança para o desemprego ou doença. O que importa é se o mesmo se encontra acima desse patamar.

Em outras palavras, a competência do trabalhador é uma máquina, sim, mas uma máquina que não se pode separar do próprio trabalhador, o que não quer dizer exatamente, como a crítica econômica, ou sociológica, ou psicológica dizia tradicionalmente, que o capitalismo transforma o trabalhador em máquina e, por conseguinte, o aliena. Deve-se considerar que a competência que forma um todo com o trabalhador e, de certo modo, o lado pelo qual o trabalhador é uma máquina, mas uma máquina entendida no sentido positivo, pois é uma máquina que vai produzir fluxos de renda. Fluxos de renda, e não renda, porque a máquina constituída pela competência do trabalhador não é, de certo modo, vendida casualmente no mercado de trabalho por certo salário. Na verdade, essa máquina tem sua duração de vida, sua duração de utilizabilidade, tem sua obsolescência, tem seu envelhecimento. De modo que se deve considerar que a máquina constituída pela competência do trabalhador, a máquina constituída, digamos, por competência e trabalhador individualmente ligados vai, ao longo de um período de tempo, ser remunerada por uma série de salários que, para tomar o caso mais simples, vão começar sendo salários relativamente baixos no momento em que a máquina começa a ser utilizada, depois vão aumentar, depois vão diminuir com a obsolescência da própria máquina ou o envelhecimento do trabalhador na medida em que ele é uma máquina. (FOUCAULT, 2008, p. 309)

Nessa alienação e comparação do sujeito com uma máquina, há a formação do conceito do *homo oeconomicus*, ou empresário de si mesmo, em que o indivíduo passa por esse processo de alienação neoliberal ao oferecer autonomia em troca de um salário. Nesse processo biopolítico, não se opera mais com um poder soberano, mas sim com dispositivos biopolíticos nos sujeitos do meio social, em que os mesmos acabam sendo controlados.

O trabalhador, nesse cenário, aparece como um empresário de si mesmo: possui renda, mas em contrapartida deve oferecer competência. Ele se torna assim sua própria moeda de troca, produzindo sua satisfação com o consumismo. O *homo oeconomicus* se transforma em capital humano, ou seja, tudo deve ser voltado para o caráter inovador da eficiência, sua aptidão e competência.

Foucault traz uma análise acerca da biopolítica nesse momento do novo liberalismo sobre como o indivíduo é trabalhado desde a sua infância para possuir esse caráter inovador. A sua própria genética o coloca em determinado grupo de risco, além de outros fatores como idade, possuir uma boa condição social, boas condições de educação, pois, tudo isso entra no jogo do capital humano (FOUCAULT, 2008).

Nessa nova forma de governar e formação do empresário de si mesmo, há dispositivos biopolíticos que operam sobre ele, como controle de saúde e práticas de

vacinação, das indústrias, da tecnologia, consumismo, etc. Há níveis de padronização de normalidade através desses dispositivos, e a partir do momento em que o sujeito assume o dispositivo, se inicia o processo de subjetivação. Esse processo é como um “tomar seu” e que se torna característica do indivíduo.

Ao analisar esses elementos históricos e sociais que Foucault apresenta como marcadores da biopolítica, é possível perceber que o poder se operou e ainda se opera de várias maneiras na sociedade civil. Esse poder pode possuir um caráter mais regulativo e totalizante, influenciando diretamente na vida dos indivíduos, marcado principalmente pela Segunda Guerra Mundial. Ou de maneira mais minimizada, como no ordoliberalismo ou no neoliberalismo americano, mas exercendo sua força através das relações econômicas. É por essa razão que, na sequência do texto, devemos compreender melhor o conceito de empresário de si mesmo e suas disposições.

2. BIOPOLÍTICA O EMPRESÁRIO DE SI MESMO

O conceito de empresário de si mesmo surge junto com o desenvolvimento do neoliberalismo e a teoria do capital humano ou *homo oeconomicus*. Essa perspectiva gerencial, do Estado mínimo e autorregulador, toma os indivíduos como autores responsáveis pelo fracasso ou sucesso de suas vidas. Com o mercado capitalista em ascensão, a relação entre o Estado e os indivíduos perfilou-se sob o caráter empresarial, em que a alta competitividade impulsiona a formação humana para o enredo do treinamento, pressionando-os a perspectiva de que, nesse embate, os sujeitos devam ser competitivos, buscando constantemente seu aperfeiçoamento técnico, visando ser os melhores no seu campo profissional.

Arelado a isso difundiu-se socialmente um modo de compreender a vida a partir das práticas de consumo. Os indivíduos são então treinados e se auto-produzem, são educados e recrutados para servir o apetite voraz do sistema, assumindo na vida pessoal a lógica do empresariado. Os sujeitos tragados para lógica neoliberal acabam constituindo identidades massificadas pelo consumo, que se apoderou do modo como os sujeitos se produzem ou dos processos de subjetivação dos indivíduos. Através dos dispositivos midiáticos, os apelos propagandísticos, os sujeitos agora não são mais escravizados pelo sistema, mas ele próprio torna-se escravo de si mesmos. Ou seja, ele é servilmente escravo.

Pode-se perceber mudanças bruscas na sociedade estruturada com as ideias neoliberais, sejam coletivas ou individuais. Mudou-se nessa racionalidade a noção de trabalho, estilo de vida, educação, saúde e outras variantes que fazem parte do meio social, produzindo assim um sistema de massas padronizado.

Anteriormente, segundo a análise foucaultiana acerca da biopolítica, tem-se um governo limitado no sentido de governar as ações dos indivíduos, mas sempre buscando melhorar o meio social. Mas, com o surgimento do neoliberalismo, há também uma repressão devido ao capitalismo evidente que permeia a sociedade e necessita de relações de trocas mais abrangentes e capacitadas.

Segundo Dardot e Laval em *A nova razão do mundo* (2014), no neoliberalismo há redução da ação governamental com relação ao mercado, à economia e à ação

individual, marcada pela eficiência e concorrência. Dentro dessa lógica, o indivíduo aparece como livre para atuar no funcionamento do mercado:

O processo de mercado, uma vez instaurado, constitui um quadro de ação que não necessita mais de intervenções – estas só poderiam ser um entrave, uma fonte de destruição da economia. Contudo, o mercado não é mais o “ambiente” natural no qual as mercadorias circulam livremente. Não é um “meio” dado de uma vez por todas, regido por leis naturais, governado por um princípio misterioso do equilíbrio. É um processo regulado que utiliza motivações psicológicas e competências específicas. É um processo menos autorregulador (isto é, que conduz ao equilíbrio perfeito) do que autocriador, capaz de se autogerar no tempo. E, se não necessita de poderes reguladores externos, é porque tem sua própria dinâmica. (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 143)

Não possuindo mais interferência direta, ele se torna autorregulador do seu próprio sistema econômico, dando a noção de que o próprio indivíduo é seu controlador de eficiência.

Percebe-se que há níveis empresariais e uma divisão do trabalho dentro dessa lógica capitalista: tem-se o sujeito dono da empresa e regulador dos seus objetivos e o indivíduo que irá oferecer o trabalho em contrapartida, atuando como meio para se chegar ao fim solicitado. Este último não possui o mesmo lucro que um gestor, mas é treinado para agir como um. E é sobre esse elemento que pretende-se discorrer: essa falsa ideia de autogoverno por possuir certa segurança financeira.

Afirmam Dardot e Laval que “o mercado é um mecanismo social que permite mobilizar essa informação e comunicá-la ao outro via preço” (2014, p. 143). E dentro deste mecanismo podem existir diferentes tipos de conhecimento, também chamados de *knowledge*, que operam em diferentes tempos e técnicas. A criatividade e o desempenho são visados nessa esfera neoliberal indiferentemente do tipo de conhecimento que se possui. Porém, ao tratar de possibilidades de lucro, analisa-se que o cálculo pode ser desigual, negligente e não contempla a todos.

A partir dessa nova arte de governar liberal, é despertado um empreendedorismo nos indivíduos, dando a ideia de autogoverno. As trocas econômicas reguladas pelo mercado acabam se tornando um processo de formação, em que parece que todos buscam pela oportunidade do lucro.

Como uma falsa ideia de que os indivíduos possuem autonomia sobre suas ações, o sujeito trabalha e estuda voltado ao mercado e essa disseminação sobre um ser autônomo faz com que o mesmo busque por educação e práticas que estejam investidas, mesmo que ele não perceba, nos interesses neoliberais.

Isso acarreta em implicações nos processos formativos, pois, o neoliberalismo passa a atuar na construção da subjetivação dos indivíduos, fazendo com que os mesmos passem a se preocupar em gerir renda a partir do trabalho e ter liberdade de utilizar esses ganhos como bem entenderem. Há um incentivo na educação por parte das empresas ou do governo, que faz com que os sujeitos busquem por um aprimoramento cada vez maior das suas capacidades cognitivas e práticas para gerar um maior rendimento de suas ações no trabalho.

Assim, há uma certa cultura empreendedora que influencia nos processos de subjetivação dos indivíduos, pois, se deixa levar por essas práticas massificadoras que funcionam com padrões do que é trabalho, lazer, família, relacionamentos, educação e qualidade de vida, e passa a ter uma repetição de tais práticas impostas, dificultando o processo de uma formação de identidade e subjetividade do indivíduo. A ideia de que o mesmo é gerente do seu tempo, da sua renda e de suas ações é contraditória quando o mesmo está inserido tão profundamente nessas relações que acaba sendo levado por interesses governamentais e empresariais.

Atenta-se a uma formação de uma nova classe média: indivíduos que se sentem livres para terem seu autogoverno e usufruírem da sua renda com suas necessidades básicas de lazer. Propriamente, no cenário que se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial, se perfilou uma indústria cultural massificada, marcada pelo lazer, dando uma estética ao capitalismo.

Para Gadelha, em *Desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade*, há algumas variáveis nessa problematização que definem o novo caráter empresarial: “o imperativo do desempenho (performance), a centralidade assumida pela gestão (*management*), o imperativo da visibilidade-transparência e o papel desempenhado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs)” (2017, p. 130). Ou seja, tem-se a forma-empresa que se caracteriza o meio social com novos valores, não somente no sentido “indústria”, mas que permeia as relações de autogoverno,

familiares, educacionais; a questão da concorrência que incita que os indivíduos se aperfeiçoem e que ao mesmo tempo os leva à exaustão devido à pressão em se adequar aos padrões de normalidade; e essa questão, então, leva ao “ranqueamento”, que dá uma ideia de triagem de eficiência do capital humano; a disseminação dessa cultura empreendedora que se espalha pelo meio social, que visa produtividade, inovação e resultado; e por fim, mas não menos importante, a nova arte de governar instaurada por uma estratégia governamental que vise o mercado e a economia.

O capital humano se caracteriza por ser a nova moeda de troca da esfera neoliberal, em que há oferta da mão-de-obra aperfeiçoada e de acordo com o que é lhe oferecido em troca de um salário compatível com a sua função.

Desde a infância, e na própria educação, isso se faz presente no sentido de que o processo de escolarização se assemelha muito ao recrutamento empresarial. Não se tem como objetivo fazer uma crítica diretamente ao modelo escolar, sendo que ele é a principal fonte de contato com o conhecimento que os indivíduos possuem. Mas, à medida que a sociedade é treinada de forma que se mova como uma empresa e com indivíduos levados pelo consumismo, a ideia de que o “ter dinheiro” traz um maior conforto acaba influenciando diretamente na vida dos sujeitos, de modo que tal ideia está implicada no processo de formação de identidade, com o indivíduo muitas vezes não podendo escolher o modo de vida que almeja por ter que seguir o que é necessário para a sobrevivência e, claro, para uma questão de status social.

Além disso, os dispositivos psicopedagógicos muitas vezes são voltados para essa lógica de triagem de eficiência, levando a um adestramento de acordo com o desempenho que suas forças individuais e contribuindo para o âmbito educacional e profissional.

No âmbito escolar, esse caráter empresarial e de ranqueamento se mostra presente seja pelo desempenho de notas, pelo esporte, habilidades técnicas, e outros fatores que fazem parte desse ambiente. Há um perfil de competitividade que faz com que os estudantes acompanhem a ideia de serem os melhores, em que o lucro tanto visado pela esfera neoliberal não é imediato, mas algo a ser aperfeiçoado a longo prazo. A proposta de uma escola que seja auxiliar no processo de formação de subjetividade se torna um dispositivo que produz padrões de normalidade.

Nesse contexto, a educação se vê, em primeiro lugar, reduzida a uma gestão tecnicista de competências e desempenhos, com vistas a uma triagem dos indivíduos que deverão ter suas vidas qualificadas, tornando-se passíveis de inclusão no sistema, cujas vidas serão desqualificadas, engrossando as fileiras dos excluídos sociais. Em segundo lugar, ela se vê alijada da possibilidade de operar com uma tábua de valores que não seja aquela emanada do mercado; por isso, precisamente, não tem como problematizar uma série de significações vitais, como, por exemplo, os sentidos de sucesso e o fracasso, felicidade e infelicidade, justiça e injustiça etc. (GADELHA, 2017, p.135)

O sistema, conforme vai ser perfilando, não leva em considerações questões meramente formais que dizem respeito à subjetividade dos sujeitos ou o contexto no qual o mesmo se encontra, mas sim uma tendência à produtividade, otimizando o tempo da melhor maneira possível para que no fim se almeje a real eficiência, que é o que irá trazer maximização no sentido econômico.

A ideia de se possuir um salário para comprar aquilo que deseja faz os indivíduos se tornarem o que Foucault chama como “empresários de si mesmos”, muitas vezes sendo tomados pelo processo de massificação que o capitalismo impulsiona. Atualmente, vemos esse processo também no mundo midiático e nas redes sociais, em que as informações são facilmente manipuladas e geram um certo conflito com os reais meios de dominação muito enraizados pelo neoliberalismo.

Se faz relevante relacionar o empresário de si mesmo com obra *A sociedade do cansaço*, de Byung-Chul Han (2017), em que autor coloca que uma sociedade disciplinar é caracterizada por uma cultura de proibição, em que o poder governamental e das instituições aparece de forma autoritária sob os sujeitos, apesar de ter analisado até então sobre a arte de governar liberal.

Na sociedade do desempenho os sujeitos são motivados ao desempenho e produção com incentivos que os levem à especialização do trabalho e aprendizado de técnicas que propõem um maior rendimento e desenvolvimento, semelhante ao caráter inovador apresentado no *Nascimento da Biopolítica* de Foucault (2008). Está enrustida nessa ideia de sociedade que os indivíduos são empresários de si mesmos, ou seja, diferentemente do que ocorre na sociedade disciplinar, onde eram submetidos por leis e ordens, agora o indivíduo pode exercer sua autonomia buscando seu aprimoramento.

Atualmente, pouco se vive em uma sociedade disciplinar pela realidade que foi se transformando ao longo do tempo e dando um novo sentido nas relações de sujeito, poder e produtividade. Uma sociedade que mudou seus elementos para práticas mais modernas e produtivas, modelos de instituições mais liberais, liberdade e autonomia dos sujeitos. Ao mesmo tempo que se sai desse caráter regulador e disciplinar, a cultura de ser empresário de si mesmo leva a uma transformação não somente em termos de produtividade, mas ao cansaço e esgotamento devido à pressão pelo alto rendimento de uma sociedade de massa que está sendo manipulada ao empreendedorismo.

Aqui traz-se novamente a percepção de Agamben quando se trata de dispositivos biopolíticos, que possuem como função regular, governar, moldar, ou seja, instrumentos de biopoder que agem e capturam de forma temporal e espacial de acordo com o estado do indivíduo. Segundo Agamben, podemos compreender o que são tais dispositivos a partir de três pontos:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um réseau, uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (AGAMBEN, 2005, p.9-10).

Em uma sociedade disciplinar, os dispositivos atuam de forma mais rígida e opressora, com padrões de normalidade que enquadram os sujeitos, os delimitam, mas que se encontra mais enrustida nessa sociedade de desempenho e empresários de si mesmos. Se temos, por exemplo, pessoas que não possuem mais “valor” para a sociedade, como usuários de drogas que vivem nas ruas “ameaçando” a segurança pública, o Estado pode aplicar nessas relações aquilo que Agamben chama de estado de exceção, ou seja, quando se governa pelo lado de fora da lei.

Na sociedade do desempenho tem-se, como dispositivo principal, a ideia da positividade em excesso, que atua por meios institucionais, educacionais, empresariais e governamentais. As escolas, as empresas, o próprio governo, atuam como dispositivos que tem como objetivo moldar de acordo com os interesses

econômicos. Também há dispositivos enrustidos nessa ideia de produtividade que fazem com que o sujeito tome para si para fazer parte dos padrões de normalidade que conferem a essa ideia a produtividade e o consumo.

O indivíduo, nesse caso, não sofre opressão direta governamental ou dos dispositivos biopolíticos, mas pode facilmente se encontrar num processo de esgotamento pelos padrões de normalidade exercidos. O poder e essa nova arte de governar continuam agindo sob esses sujeitos por não poderem mais poder.

Foucault, na perspectiva dessa arte de governar em que se “deixa viver”, imposta na relação de biopoder com os indivíduos de acordo com padrões de normalidade que os regulam, é alterada com a perspectiva biopolítica que possui esse exercer poder através de práticas governamentais, garantindo-lhes autonomia:

Por conseguinte, a análise de tais saberes e práticas faz com que nos questionemos sobre como exercer a liberdade e autonomia em face do governo da vida. Foucault voltou-se para esse problema, indagando-se sobre os modos de resistência aos dispositivos de controle presentes em nossa sociedade. (CAMILO; FURTADO, 2016, p.42)

Novamente traz-se a ideia de que não se trata mais do poder voltado para um soberano, mas sim para o meio social que faz com que possua um caráter mais regulativo. Ou seja, “há um arranjo de processos de normatização e técnicas disciplinares que constituem o que podemos chamar de dispositivo de eficácia” (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 319). Esse dispositivo de eficácia, apontado pela nova cultura neoliberal de produtividade e eficiência, não se trata mais de um adestramento dos corpos, mas de uma “gerência” da forma de pensar.

Foucault faz uma referência ao utilitarismo e Dardot e Laval irão retomá-la também no sentido de que o principal objetivo da sociedade civil seria atingir a maior quantidade de felicidade, fazendo jus a essa nova dialética econômica que permeia a nova arte de governar e de produção de subjetividade.

A palavra que pode definir bem esse neoliberalismo é “empresa”. Empresa no sentido das relações comerciais e econômicas, no sentido de autogoverno, no sentido propriamente empresarial e também na governamentalidade do próprio Estado estar governando através de uma “mão invisível”.

Essa nova gestão propõe a ideia de realização pessoal e incita a produtividade e desempenho através de regulações dos dispositivos de biopoder que irão atuar na

sociedade civil. Busca-se por novas práticas, por inovações que irão estar gerando esses resultados eficazes:

Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal. (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 325)

O aprimoramento que o indivíduo faz “para si” acaba sendo voltado para outros, num sentido de empregabilidade que é o que irá gerar o lucro mais adiante. Há transformações tanto individuais quanto sociais nessa racionalidade empresarial que visa pela eficiência e desempenho que estão relacionadas às novas formas de se exercer o poder.

Foucault, quanto trata do cuidado de si na *Hermenêutica do Sujeito* (2010), define-o como uma transcendência da realidade para conseguir se enxergar e não negá-la através de outras informações externas, sendo um processo importante para a constituição do sujeito e a busca pelo conhecimento. Na *Aula do dia 13 de janeiro de 1982*, Foucault também irá definir *Epimeleia* como o cuidado de si, como uma necessidade de conhecimento que vem a tornar-se e retornar-se para si mesmo com o fim de fazer com que seja o objeto do próprio cuidado. Ou seja, é um conjunto de ocupações voltadas a si mesmo, como memorização, momentos de reflexão, exames de consciência que têm como finalidade ocupar-se com a vida e cultivar a alma, pois, é necessário cuidar da alma para que se tenha a cultura de si. Para isso, exige uma série de práticas para esse cuidado de si, práticas que fazem com que o indivíduo fique frente a frente consigo mesmo e consiga, através de uma conduta racional, se enxergar, fazer parte desse trabalho reflexivo.

Em Foucault, temos que a formação é algo que está ligado à arte da existência para que se acesse a verdade. A verdade é o próprio sujeito, algo que se constitui pelo conhecimento e por aquilo que ele é; não é algo absoluto, mas sim algo que vai se construindo. O problema é o movimento de voltar para si mesmo, de converter-se e conseguir se enxergar e promover o cuidado de si, pois não é possível fazer cuidado de si através do vazio, mas pelo conhecimento que vai se construindo aos poucos. Para que haja esse rompimento de uma maneira de pensar é necessário que haja

uma ação corretiva que tem como intuito corrigir algumas coisas referente à forma de olhar para si mesmo.

Dardot e Laval colocam que esse cuidado de si, na esfera neoliberal, acaba sendo voltada para os princípios empresariais de desempenho e aperfeiçoamento de si para desenvolver cada vez mais suas habilidades dentro do formato de trabalho que atualmente se apresenta. A realização pessoal é, de certa forma, instruída para que seja voltada para ele mesmo, porém, com o objetivo de estar se aperfeiçoando dentro do seu campo de trabalho. Ou seja, a autonomia e a liberdade possuem um objeto específico a ser alcançado que não se trata exatamente de uma realização pessoal voltada inteiramente para o sujeito.

Para falarmos como Foucault, o “cuidado de si” – se é que existe um “cuidado de si” –, nesse caso, não é um fim em si mesmo, porque o si não é objeto e fim desse cuidado – não se trabalha a si mesmo com a finalidade única de produzir certa relação consigo mesmo, isto é, unicamente para si. (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 336)

A ideia do empresário de si mesmo é voltada para um sentido em que o sujeito se aprimora e se autogoverna para poder tornar-se mais eficaz. As empresas e demais dispositivos de biopoder auxiliam nesse caráter sugestivo incentivando os empregados e serem os melhores para conseguir o “sucesso” e a realização pessoal, como se o mesmo estivesse sendo seu próprio negócio.

Se antes os indivíduos eram obedientes com relação ao poder e às normas e sofriam por isso, atualmente a questão psíquica é voltada ao excesso, à manipulação e ao consumo, fazendo com que se esgotam facilmente para alcançar aquilo que se espera em uma sociedade do desempenho.

Por fim, traz-se relevante apontar algumas consequências desse autogoverno que tem se apresentado. Esse comportamento do sujeito marcado por ser empresário de si mesmo tem influenciado em uma nova era de pessoas frustradas pelo desempenho que não conseguem alcançar e tem surtido efeitos psicológicos negativos. Há um medo instaurado por não haver produtividade suficiente, o que pode trazer consequências como diminuição do salário, substituição de cargo ou até mesmo o desemprego.

Sabe-se que a depressão é um dos efeitos negativos desse processo de aumento de produtividade e realização pessoal, em que o sujeito se sente frustrado por não alcançar aquilo a que é submetido, ou também pelo processo exaustivo que ocorre no decorrer desses objetivos impostos.

Além disso há, em contrapartida, a alienação não somente dos meio midiáticos e empresariais, mas também por parte de pseudociências que afetam a produção da subjetividade dos sujeitos auto governantes, que amadurecem a ideia de estar fazendo escolhas para si que são benéficas para o seu auto desenvolvimento.

Nessa formação do sujeito, há uma inversão do que se apresentou anteriormente com Foucault sobre o cuidado de si mesmo, ou *epimeleia*, em que há uma formação pessoal, mas que não ocorre de maneira crítica, fazendo com que o mesmo se dê por conta do todo que o permeia. Ou seja, o neo indivíduo é preso em uma ideia fantasiosa de realização pessoal dentro da lógica do capital humano, que irá se transformar no principal objeto da nova arte de governar: o lucro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Justifica-se a escolha do tema apresentado pela razão de que os conceitos trazidos na obra de Michel Foucault são relevantes para pensarmos filosoficamente o processo de subjetivação dos indivíduos perante os dispositivos presentes na sociedade, implícitos propriamente na esfera neoliberal. Além de propor a reflexão sobre as condições históricas, sociais e filosóficas de uma sociedade neoliberal e a formação do indivíduo como empresário de si mesmo.

Ao realizar uma análise histórica e social dos acontecimentos da Alemanha e nos EUA que foram apresentados na obra *Nascimento da Biopolítica*, percebe-se o perfilamento dos indivíduos influenciados por essa nova arte de governar liberal para a ideia de ser empresário de si mesmo. Um poder não mais autoritário como nos eventos históricos marcados pelas guerras e crises econômicas, mas algo que atua sorrateiramente ao caminho de uma sociedade de desempenho.

A relevância em trabalhar esse tema vem no sentido de se adentrar nos conceitos de biopoder e biopolítica e naquilo que Foucault apresenta como padrões de normalidade dos indivíduos. Pois, quando temos uma divisão desses níveis de normalidade dentro do meio social, é necessária a consciência da forma que o governo implica nesses casos.

Buscou-se analisar, com filósofos e especialistas sobre os temas apresentados, em especial Giorgio Agamben, sobre biopolítica e seus dispositivos, e com Dardot e Laval sobre a razão do mundo neoliberal, ou como que os poderes se operam em suas diversas instituições e podem implicar nesse processo de formação do empresário de si mesmo.

Percebe-se que ao longo da história o poder tem se mostrado presente na sociedade civil de diferentes maneiras, seja sendo mais totalitário e visando a manipulação direta dos sujeitos, ou de maneira mais libertária, oferecendo mais liberdade nas trocas econômicas, desde que estas assegurem a principal fonte de movimentação de uma sociedade civil. Porém, essa nova arte de governar, marcada pelo ordoliberalismo e pelo neoliberalismo americano que se disseminou também no restante do mundo, implicou várias transformações no meio tanto social quanto individual.

Um novo caráter empresarial marcado pelo desempenho, pela produtividade e pela eficiência foi instaurado não somente quando se trata de instituições, mas também nos sujeitos em formação. Algo que vem perfilando os indivíduos na infância, no processo educacional, no rendimento das demais atividades, na própria empresa e na vida pessoal. Uma sociedade do desempenho que foi se desenvolvendo pela ideia de autogoverno e realização.

Essa sociedade do desempenho, caracterizada pelo conceito do empresário de si mesmo, tem produzido efeitos negativos, como a falsa ideia de realização, a exaustão, questões psíquicas alteradas e manipuladas, o consumismo desenfreado e uma falha no processo do cuidado de si.

As mudanças marcadas pelo neoliberalismo estão atreladas a “menos governo” e mais autonomia, o que incita de certa forma a concorrência do mercado e a transformação do sujeito em capital humano. Essa autonomia do sujeito é atrelada a essa produtividade e caráter empresarial, levando assim a formação de sociedades de massa e marcadas pelo desempenho, consumo e alienação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Tradução de Nilcéia Valdati. Ilha de Santa Catarina, 2005.

AQUINO, Julio Groppa. Educação e biopolítica: um panorama da produção acadêmica brasileira no campo educacional (2001-2016). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 95-112, 2017.

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira; FURTADO, Rafael Nogueira. O conceito de Biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Subjetividades**, v. 16, n. 3, 2016, p. 34-44.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de FOUCAULT**. Tradução: Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. Boitempo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GADELHA, Sylvio. Desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade. **Educar em Revista**, v. 33, n. 66, 2017, p. 113-139.

GALLO, Sílvio. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, 2017, p. 77-94.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.